



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÈDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CAMPUS I
CURSO PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB

MARTA FONTES DA SILVA

LITERATURA E MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL – UMA
RELAÇÃO INTRÍNICA

CAMPINA GRANDE
2017

MARTA FONTES DA SILVA

LITERATURA E MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL – UMA
RELAÇÃO INTRÍNICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Pedagogia-PARFOR/MEC/CNPQ da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Profa. Dra. Maria José Guerra

CAMPINA GRANDE
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586l Silva, Marta Fontes da.

Literatura e música na educação infantil [manuscrito] : uma relação intrínseca / Marta Fontes da Silva. - 2017.

32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Primeira Licenciatura em Pedagogia do Parfor) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Campina Grande, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Maria José Guerra, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Educação Infantil. 2. Literatura. 3. Música.

21. ed. CDD 372.4

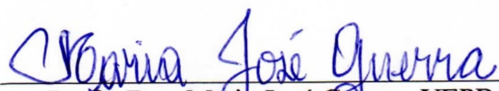
MARTA FONTES DA SILVA

LITERATURA E MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL – UMA RELAÇÃO INTRÍSSICA

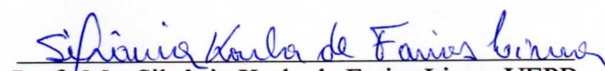
Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada: em 18/11/2017

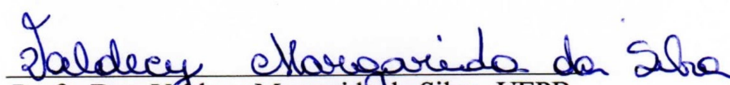
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria José Guerra- UEPB
Orientadora



Profa. Ms. Silvânia Karla de Farias Lima- UEPB
Examinadora



Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva- UEPB
Examinadora

Ao meu Ju, pela paciência, companheirismo e
amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus que sempre foi meu suporte em meio a tantas tribulações.

À Profa. Dra. Maria José Guerra, pela dedicação para a realização deste trabalho e por toda sua compreensão, paciência, estímulo, contribuição e palavras de apoio nessa longa caminhada para a conclusão deste trabalho.

A meu amado esposo Juliano, sempre presente, me apoiando e dando todo o suporte para que eu pudesse chegar até aqui.

À minha mãe Wildes, pela compreensão por minha ausência.

A meu pai Milton (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

A meus filhos, Mayse, Dayane e Juliano Júnior e minhas netas Júlia Mirelly e Maria Clara, pois, são minha força.

Aos professores do Curso de Pedagogia da UEPB, que contribuíram ao longo desses anos, por meio das disciplinas e debates, para minha formação.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

A música exprime a mais alta filosofia
numa linguagem que a razão não
compreende.

Arthur Schopenhauer

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 RELATÓRIOS DE FINAL DE ESTÁGIO	11
2.1 A experiência na Gestão Escolar	11
2.2 A escola e o aluno da Educação Infantil.....	12
2.3 A escola e o aluno da Educação Fundamental	14
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ESTUDANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL (EI).	15
3.1 Estudando a noção de Infância	15
3.2 A Educação Infantil no mundo e no Brasil.....	16
3.3 A literatura na Educação Infantil.....	19
3.4 A música na Educação Infantil.....	21
4 METODOLOGIA E CONTEXTO DA PESQUISA	24
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
5.1 Literatura e Música - uma relação íntima.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

LITERATURA E MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL – UMA RELAÇÃO INTRÍNSECA

Marta Fontes da Silva¹

RESUMO

Este trabalho surge a partir do estágio supervisionado em Educação Infantil (EI), que é exigido pelo currículo do curso de Pedagogia-PARFOR/MEC/CNPQ, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e tem por objetivo estudar a relação existente entre a literatura e a música, como uma forma de compreender qual é a sua importância para o processo de aprendizagem de crianças, consideradas pequenas, matriculadas na Educação Infantil da escola pública. Como procedimento metodológico adotou-se a pesquisa bibliográfica, a partir do levantamento de referências teóricas, já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos como livros, artigos sobre o tema a estudar. Assim, para identificarmos se a relação entre o texto da literatura, a música, a aprendizagem e o uso da linguagem através do falar, ouvir, ler e escrever facilitam o processo de construção dos sentidos, tomamos como subsídios teóricos noções básicas a partir dos estudos de Brito (2003); Coelho (1985); Cunha (1990); Faria (2007); Ferri (2008); Fonseca (2015); Marafigo (2012); Mendes (2015); Oliveira (2003); Parreiras 2012); Schueler (2008), Zilberman (1987), entre outros estudiosos do assunto. Constatamos que a música faz parte da história do ser humano, desde o período pré-histórico e como evoluiu ao longo dos séculos e tem muita importância para o desenvolvimento da criança e do ser humano de forma geral e global de aprendizagem; a literatura e a música carregam em si uma intimidade profunda, já que, ambas as artes tem o som como material básico mesmo que de diferente qualidade acústica, usam os blocos sonoros em movimentos e a linguagem verbal, gerada pelo enlace do som com a dimensão temporal. Além disso, verificamos que a relação literatura/música é essencial para se adquirir uma visão real e crítica dos fatos que acontecem e interfere na perspectiva didático-pedagógica de sala de aula e abrange a escrita e o uso da atividade oral, presente na literatura popular.

Palavras-chave: Literatura. Música. Educação Infantil.

1 INTRODUÇÃO

Literatura e música são dois gêneros textuais que consideramos importantes para despertar o gosto pela leitura e, conseqüentemente, ampliar o repertório de conhecimento de mundo e da palavra, principalmente na Educação Infantil (EI). Duas manifestações artísticas infinitamente ricas em seus aspectos estruturais e temáticos. A música seduz pelo jogo de sons, a literatura pelo jogo de palavras. Normalmente, estes dois gêneros são abordados em

¹ Aluna concluinte do curso de Pedagogia pela UEPB. Professora de Educação Infantil da rede municipal de Campina Grande – PB.
E-mail: letraescarlata2012@gmail.com

sala de aula de forma dissociada, cada um com seu tempo predeterminado. Isto acontece inclusive no ambiente da Educação Infantil, que, teoricamente deveria ser um local de maior liberdade para a realização da interdisciplinaridade.

Observou-se certo distanciamento no trabalho de sala de aula entre “literatura e música”, durante o estágio obrigatório do curso de Pedagogia sistema PARFOR/MEC/CNPQ da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que foi realizado nas instituições de ensino visitadas, pertencentes ao contexto da escola pública municipal de Campina Grande, Paraíba que trabalham com a EI. Daí o nosso interesse de estudar essa problemática no contexto da EI.

O objetivo deste estudo é compreender a relação existente entre a literatura e a música e qual é a sua importância para o processo de aprendizagem de crianças, consideradas pequenas, matriculadas na Educação Infantil das escolas, campo de estágio.

Os estudos de Araújo (entre 2000 e 2017) e Brito (2003), por exemplo, investigaram “história da música” na EI, inclusive este último admite que a “música” seja uma proposta para a formação integral da criança da EI. Por sua vez, os autores Cunha (1990), Marafigo (2012), Parreiras (2012), Santos (2012), Zilberman (1978), admitem que, na escola que funciona o ensino da EI, o professor deve trabalhar, com as crianças a literatura infantil em sala de aula. Contudo, a pesquisadora Solange (2003) sugere o uso articulado dos “gêneros literatura e música” com a criança da EI, entre outros, nos ajudaram na compreensão deste trabalho.

O texto foi organizado em quatro tópicos. O *primeiro* faz uma rápida introdução sobre a problemática do estudo e diz do objetivo a ser alcançado. O *segundo* faz o registro dos Relatórios de Final de Estágio obrigatório do currículo do curso de Pedagogia-PARFOR/UEPB que passa, por três níveis de formação do pedagogo: a experiência na gestão educacional; a escola e o aluno da educação infantil e, finalmente, a escola e o aluno dos Anos Iniciais da Educação Fundamental.

O *terceiro* trás uma breve fundamentação teórica, com o intuito de compreender a Educação Infantil a partir de quatro aspectos como: concepção de infância; a educação infantil no mundo e no Brasil; a literatura na educação infantil; a música na educação infantil.

O *quarto* tópico descreve um pouco sobre a metodologia utilizada para fazer o estudo. O *quinto* tópico apresenta os resultados e a discussão a que chegou o estudo com base em observações assistemáticas e nas teorias estudadas. Na sequência do texto vamos encontrar as considerações finais, seguida das referências consultadas para este trabalho de conclusão de curso (TCC).

2 RELATÓRIOS DE FINAL DE ESTÁGIO

2.1 A experiência na gestão educacional

Considerando a parceria necessária entre escola e família, no processo de gestão democrática a fim de ofertar uma educação de qualidade e garantir o sucesso no processo ensino e aprendizagem. Percebemos a importância de refletir essa relação como sendo um dos passos necessários para alicerçar uma gestão que visa compartilhamento de papéis no ambiente escolar.

A escola e sua diversidade de agentes nos possibilita observar as relações que nela se constrói e se reconstrói mediante situações diferentes. Esse ambiente nos dá suporte para sermos agentes mediadores dessa relação. Então, fundamentadas nas observações sistemáticas foi proposta intervenções pedagógicas através de reuniões com as famílias, gestor escolar e professores, no intuito de estabelecer uma relação de reciprocidade e poder contribuir para uma ação mais efetiva e eficaz entre família e escola, a partir da reflexão ética, do respeito às diferenças, e a valorização dos papéis e cada um no andamento do processo educacional das crianças. Visto que todo o processo envolve família, escola e a educação em si. Tudo isso põe em destaque a garantia dos direitos de aprendizagem das crianças. Ambos têm mesmo objetivo, por isso, necessitam manter relações sociais que viabilizem o diálogo e a participação de todos nesse processo. Dessa forma o caráter democrático será atribuído de fato à gestão escolar e todos os envolvidos perceberão que são partes primordiais desse todo que formam a escola.

Este estudo teve como objetivo geral despertar na família a importância do acompanhamento familiar na vida escolar das crianças, bem como a integração entre família e escola. Especificamente objetivamos: Promover palestras com tema família e escola – educar e cuidar, parceria necessária para uma gestão participativa; Incentivar a participação dos pais nos eventos e cursos ofertados pela escola e no acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem; Desenvolver atividades para integração e participação da família na escola, voltadas para uma gestão democrática.

A metodologia foi baseada na pesquisa descritiva de caráter qualitativo buscando descrever e interpretar a relação social de determinada população, nesse caso entre família e escola observada no nosso campo de estágio. O problema aqui apresentado foi coletado, a partir de observações do contexto real em que está inserida esta relação, sua análise e interpretação a partir de fundamentação teórica sobre gestão democrática e sua relação com a família. A coleta de dados ocorreu a partir de plano de ação semiestruturado observando-se a

rotina de professores e a aplicação do questionário com gestora. A caracterização da escola ocorreu por meio de observação e leitura do Regimento Escolar e do Projeto Político Pedagógico.

A gestão democrática da educação é considerada hoje um valor já consagrado tanto no Brasil quanto no mundo. É considerado um importante recurso de participação humana como também um excelente colaborador para a formação da cidadania, sendo indispensável para a construção de uma sociedade mais igualitária e humana (FERREIRA, 2000). Deve ser transparente e impessoal, autônoma e participativa, além de exercer a liderança e o trabalho coletivo. Ela é voltada para um processo decisório que se baseia na deliberação e participação pública, expressando desta forma o crescimento dos indivíduos como cidadãos e da sociedade como democrática e concreta (CURY, 2002).

Contudo em Souza (2009) a gestão democrática é um processo político em que as pessoas que atuam na escola identificam problemas, discutem, planejam, controlam etc., ou seja, buscam o desenvolvimento contínuo da própria escola através das soluções dos problemas sendo, portanto, necessária à participação de toda a comunidade escolar.

Os resultados desta pesquisa apontam que a relação escola/família é fundamental para o desenvolvimento da criança, pois a escola através de uma gestão participativa irá criar mecanismos de participação, buscar valores democráticos como: Respeito, justiça, liberdade, etc. Democratizar os métodos e os processos de ensino aprendizagem é fundamental no relacionamento entre professor e aluno.

Ainda se tem muito que construir para que a gestão democrática na educação, considerada um valor universal, se torne realidade na sociedade humana, onde todos os seres sejam capazes de se desenvolver como seres humanos intelectualmente e emocionalmente fortes (FERREIRA, 1998 apud FERREIRA, 2000).

Esse estágio foi muito importante para nossa vida acadêmica e profissional, a qual nos possibilitou entender que a “gestão democrática” torna-se necessária e possível, uma vez que todos se empenhem. Uma gestão participativa visa diminuir os conflitos possibilitando meios que faça com que a comunidade escolar sinta-se parte integrante da escola, visando tranquilidade, e um trabalho de equipe.

2.2 A escola e o aluno da educação infantil

O estágio supervisionado em Educação Infantil foi realizado em uma Creche vinculada ao Município de Campina Grande. Teve o propósito de fazer intervenção a partir de observações realizadas em sala de aula com crianças de três e quatro anos da turma de Maternal II. A natureza deste relatório é, por excelência, crítico refletivo, e pretende relacionar por meio de textos os diversos saberes, que foram aprendidos durante a disciplina Estágio Supervisionado na Educação Infantil.

Este estágio teve o objetivo de mostrar que a prática docente deve ser prazerosa, dinâmica e eficiente ao usar o brincar como instrumento de aprendizagem e formação de identidade da criança, para o desenvolvimento propiciando aos mesmos uma aprendizagem significativa despertando o interesse, a criatividade e o prazer nas realizações das atividades propostas.

Este relatório é composto da descrição das observações e das experiências vivenciadas no período de regência em sala de aula. Aqui encontram-se descrito as observações não só do processo em sala de aula como também do ambiente escolar como um todo. Dentro deste pressuposto, procurou-se conviver e observar uma forma de direcionar a prática pedagógica como uma ação sustentada em fundamentos que englobam uma linha de aprendizagem.

Realizar o Estágio Supervisionado na Educação Infantil foi uma experiência significativa para o processo de formação docente, constituindo-se como um memento rico e importante em que pode evidenciar no contexto de sala de aula a relação dialética entre teoria e a prática. Esse período de contato direto com o espaço educativo, bem como das relações estabelecidas, possibilitou refletir como se dá a atuação do pedagogo nos diversos contextos.

Durante o estágio buscou-se desenvolver um trabalho dinâmico e prazeroso, estimulando o envolvimento das crianças no processo de ensino e aprendizagem de forma que se sentissem capazes de buscar e construir algo novo e diferente. Com as mais diversas estratégias educativas busca-se oportunizar aos alunos situações desafiadoras que os levam a compreender melhor as atividades propostas respeitando o ritmo de cada criança.

Conclui-se, que esta foi uma nova experiência na qual fez crescer, como educadora, pois acredito que contribuir de alguma maneira na formação de cidadãos críticos e reflexivos. Sendo que a partir das experiências vivenciadas, as trocas de saberes, a aproximação com todos os envolvidos. Daí que se passa a acreditar ainda mais na prática docente da Educação Infantil, na qual é possível desenvolver um trabalho de parceria, que leve uma educação mais significativa e contextualizada.

Enfim, esse estágio fez perceber aquilo que na teoria e na prática já sabia, confirmou-me que a Educação Infantil é muito mais que cuidar das crianças, e sim cuidar e educar

porque esse é um momento inesquecível de formação cidadã que exercerá influência em todo o decorrer da vida das crianças e principalmente do educador.

2.3 A escola e o aluno da educação fundamental

O presente relatório é composto de informações referentes à prática no Ensino Fundamental realizado na sala do 1º ano de uma escola estadual de ensino fundamental da cidade de Campina Grande- PB, com o propósito de fazer intervenção a partir de observações realizadas em sala de aula com os alunos. A natureza deste relatório é, por excelência, crítico refletivo, e pretende relacionar por meio de textos dos diversos saberes aprendido, durante a disciplina Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental.

Este estágio teve o objetivo de mostrar que a prática docente deve ser prazerosa, dinâmica e eficiente ao usar o lúdico como instrumento de aprendizagem e formação de conhecimento da criança, propiciando aos mesmos uma aprendizagem significativa despertando o interesse, a criatividade e o prazer nas realizações das atividades propostas.

Também faz um relato das observações e das experiências vivenciadas no período de regência em sala de aula que se baseou nos quatros pilares da educação e também na tendência construtivistas do processo de ensino-aprendizagem.

Encontram-se descrito neste trabalho as observações não só do processo realizado em sala de aula como também do ambiente escolar como um todo. Dentro deste pressuposto, procurou-se conviver e observar uma forma de direcionar a prática pedagógica como uma ação sustentada em fundamentos que englobam uma linha de aprendizagem.

Realizar o Estágio Supervisionado III, enquanto docência dos Anos Iniciais no Ensino Fundamental foi uma experiência significativa para o processo de formação docente do curso de Licenciatura em Pedagogia, constituindo-se como um momento rico e importante, em que pode evidenciar no contexto de sala de aula a relação dialética entre teoria e a prática. Esse período de contato direto com o espaço educativo, após estudos realizados na academia, bem como das relações estabelecidas, nos possibilitou refletir como se dá a atuação do pedagogo nos diversos contextos e níveis de ensino dos Anos Iniciais.

Durante o estágio buscou-se desenvolver um trabalho dinâmico e prazeroso, estimulando o envolvimento dos alunos do 1º ano, no processo de ensino e aprendizagem de forma que esses alunos se sentissem capazes de buscar e construir algo novo e diferente. Com

as mais diversas estratégias educativas buscou-se oportunizar aos alunos situações desafiadoras que os levasse a compreender melhor as atividades propostas, respeitando o ritmo de cada criança.

A partir das experiências vivenciadas, das trocas de saberes, da aproximação com todos os envolvidos é possível desenvolver um trabalho de parceria, que leve uma educação mais significativa e contextualizada.

Conclui-se que esta foi uma nova experiência que possibilitou meu crescimento como educadora, acreditando que pude contribuir de alguma maneira na formação de cidadãos críticos e reflexivos.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ESTUDANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL (EI)

3.1 Estudando a noção de Infância

Sabemos que o homem é um ser histórico e que suas ações e pensamentos mudam com o tempo. Nesta direção, percebemos a importância de fazermos uma breve contextualização histórica sobre a infância no mundo.

Pesquisas revelam que o sentimento pela infância nem sempre existiu. Isto nos ajuda a compreender porque na antiguidade, as crianças eram vista como um ser incapaz, um adulto em miniatura, acreditava-se que era por meio do convívio com os adultos que a criança aprendia seus hábitos e adquiria os conhecimentos que a ajudariam ao longo de sua vida.

Além disso, Henick e Faria (2015) afirmam que, a família não percebia as necessidades específicas das crianças, não as via como um ser com peculiaridades e que precisavam de atendimento diferenciado. O papel que a criança desenvolveria era definido pelo pai, que tinha total controle sobre seu filho, inclusive de tirar-lhe a vida se o rejeitasse. As famílias viam a mortalidade infantil como algo natural, como uma fatalidade, não havia sentimento pelo recém-nascido que morreu, pela certeza de que outro bebe logo chegaria. Entretanto, com o cristianismo, a forma de lidar com as crianças foi paulatinamente mudando.

Os estudos dão conta que os primeiros modelos de crianças no Brasil trazidos pelos Jesuítas eram muito diferentes das crianças brasileiras, pois:

[...] muito das crianças brasileiras; e muito pouco com as descobertas europeias sobre a infância. Neste contexto propagam-se duas representações infantis: uma mística repleta de fé é o mito da criança-santa; a outra de uma criança que é o modelo de Jesus, muito difundida pelas freiras carmelitas. Inspirados por estas imagens, capazes de transcenderem aos pecados terrenos, os jesuítas veem nas crianças indígenas “o papel em branco” que desejam escrever; antes que os adultos

com seus maus costumes os contaminem. (PASSETI, s/a p. 3 apud HENICK e FARIA, 2015).

Destarte, havia duas representações infantis, ambas embasadas na religiosidade. Neste contexto, os jesuítas veem as crianças indígenas como um papel em branco no qual podem escrever antes que sejam contaminadas pelos maus costumes dos adultos.

Começam a ocorrer mudanças quanto à concepção de infância somente a partir do século XV, em que a criança passa a ser vista como um ser que precisa de cuidados específicos. Por volta do século XVI e XVII surgem as roupas diferenciadas para as crianças, que passam a serem vistas como gentis, carismáticas, afetuosas e cheias de graça, passando a ser fonte de distração para os adultos. A partir do século XVIII, a visão de criança pelos pais começa a mudar e estes passam a dar mais atenção à área afetiva e social da criança. (HENICK e FARIA, 2015).

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RECNEI),

A concepção de criança é uma noção historicamente construída e, conseqüentemente, vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época. Assim é possível que, por exemplo, em uma mesma cidade existam diferentes maneiras de se considerar as crianças pequenas dependendo da classe social a qual pertencem o grupo étnico do qual fazem parte. (BRASIL, 1998, p.21),

Não é preciso se distanciar de nossa realidade para comprovar essa mudança de concepção de criança. Se um olhar a mais atento for depositado em nosso cotidiano, em nossas casas, nossas escolas e em nossas salas de aula, poderemos observar as nuances dessas mudanças. Em muitas regiões, uma criança que vive em um ambiente de extrema pobreza, é colocada para trabalhar logo cedo, deixando de ser uma criança pequena, para ser uma ajudante do sustento de sua casa, encurtando assim, uma fase tão importante de sua vida.

3.2 A educação infantil no mundo e no Brasil

Conforme Henick e Faria (2015), uma das questões consideradas na antiguidade deverá ser diante da concepção de crianças, que regia no período e a educação escolar era apenas para aprender técnicas, o como fazer, assim, a criança tinha sua formação em meio aos adultos, realizando as mesmas tarefas, sem diferenciação alguma.

A partir do século XV surge um novo olhar sobre as crianças, onde passam a ser vistas como:

[...] um ser inacabado, vista como um corpo que precisa de outros corpos para sobreviver, desde a satisfação de suas necessidades mais elementares, como alimentar-se. Os primeiros anos de vida são para ela, o tempo das aprendizagens do meio que a cerca. Brinca com outras crianças da sua mesma idade e até maiores do

que ela; arrisca-se em busca de saberes que lhe poderão ser úteis para viver em comunidade (PASSETTI, s/a. p. 1-2, apud HENICK e FARIA, 2015, p.3).

Assim, a escola via a criança como um ser desprovido de qualquer conhecimento e que a maior função da escola era introduzir para as crianças repetidamente as regras, costumes, valores sociais e morais com o objetivo de prepara-las para o trabalho.

No período do século XIX, foram criados no Brasil, “[...] entidades de amparo à criança, ou seja, as creches, asilos e internatos, objetivando o combate ao alto índice de mortalidade infantil e assegurar o cuidado das crianças pobres” (MENDES, 2015, p. 97). Conforme Kuhlmann, (1998):

[...] a creche, para as crianças de zero a três anos, foi vista como muito mais do que um aperfeiçoamento das Casas de Expostos, que recebiam as crianças abandonadas; pelo contrário, foi apresentada em substituição ou oposição a estas, para que as mães não abandonassem suas crianças. (KUHLMANN, 1998, p. 78, apud MENDES, 2015, p.97).

Também foram criados jardins-de-infância, que já existiam na Europa, gerando polêmica entre os políticos, pois, uns acreditavam que eles serviam como “depósito” de crianças, enquanto outros defendiam a possibilidade deles serem vantajosos para o desenvolvimento infantil. (HENICK e FARIA, 2015; MENDES, 2015; SCHUELER, (entre 2008 e 2017)).

Considerando o período da industrialização no Brasil, na década de 1970, o aumento do número de fábricas e com o grande número de mulheres trabalhando nas referidas fábricas, teve início os movimentos de mulheres e a luta por um local onde seus filhos pudessem ficar enquanto trabalhavam. De acordo com Kuhlmann (1998):

A recomendação da criação de creches junto às indústrias ocorria com frequência nos congressos que abordaram a assistência à infância. Era uma medida defendida no quadro da necessidade de criação de uma regulamentação das relações de trabalho, particularmente quanto ao trabalho feminino. (KUHLMANN, 1998, p. 82, apud MENDES, 2015)

Neste contexto, existe o “fortalecimento de um movimento de proteção à infância, que partia de uma visão preconceituosa sobre a pobreza, defendendo um atendimento caracterizado como dádiva aos menos favorecidos.” (OLIVEIRA, 2007, pg. 93, apud MENDES, 2015, p.99). Assim, sendo uma visão paternalista, essas instituições eram consideradas uma benevolência, e não um direito.

Sabe-se que a educação oferecida, nessa época para os referidos pesquisadores Henick e Faria (2015); Mendes (2015); Schueler (2008 e 2017) era assistencialista e tinha como preocupação apenas cuidar da criança e prepará-la para aceitar sua condição social e a não se

questionar sobre a sua realidade Henick e Faria, 2015; MENDES, 2015; SCHUELER, (entre 2008 e 2017)). Esta visão persistiu durante muito tempo, já que o público atendido majoritariamente era de crianças de baixa renda e visando apenas sanar as carências primárias de maneira compensatória como se fosse um favor oferecido a estas famílias, embasando o viés da educação que tentava suprir a falta que a família fazia aos pequenos.

A educação pré-escolar do pobre continuou, ainda por muitos anos, sendo responsabilidade filantrópica, de caráter assistencialista e eventual, especialmente, e dependente das intenções das primeiras damas, que, na expectativa da falta do que fazer, ocupariam assim o seu tempo, dando vazão aos seus instintos de proteção à infância. (RIZZO, 2003, p. 38, apud FULY; VEIGA, 2012, p.90).

Ao longo dos anos, a sociedade foi mudando essas concepções e percebendo que a educação infantil deve promover o desenvolvimento integral da criança em diversos aspectos como os cognitivos, físicos, afetivos, emocionais e sociais, sendo estes indissociáveis e que devem ser trabalhados de forma integrada. (BRASIL, 1998)

Assim, no Brasil, em 1988, a Constituição Federal Brasileira garantiu o direito à educação das crianças de zero a seis anos, reafirmando a natureza educativa das instituições de ensino de educação infantil, mesmo que ainda tivessem um caráter mais assistencialista do que educacional. Após a Constituição Brasileira surgiu a Lei Federal nº 8969/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que afirma no seu art. 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2005, p.8)

Sendo dever de toda a sociedade e do Poder Público garantir os direitos das crianças e assegurar sua prioridade, inclusive à educação. Para atender estes direitos de forma satisfatória este direito, o RECNEI destaca que:

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos (MEC/SEF, 1998, p. 24).

Diante dessa citação torna-se visível que a relação intrínseca entre o cuidar e o educar, desta forma, que se evidencia na educação infantil deve proporcionar situações de aprendizagem que possibilitem o desenvolvimento das potencialidades que cada criança

carrega em si própria. Se há um sentido no ato de conhecer que este objetivo seja alcançado, é justamente este: que o educador deve buscar de forma insistente compreender como este processo se consolida sempre, se atualizando e estruturando seus conhecimentos em prol deste propósito.

3.3 A literatura na Educação Infantil

O ato de conhecer torna-se uma habilidade de captar as coisas e os seres, em seu processo dinâmico de manifestação radical, no horizonte cotidiano em que se dá a experiência da vida. As confirmações se configuram ao buscar o conceito da palavra literatura no dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, onde encontramos a definição do termo literatura como sendo: a “arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou verso”. (p. 461.)

Desta forma, nem tudo que se apresenta em um livro é literatura, muitos livros que se intitulam literários trazem apenas histórias para as crianças.

“Para ser literatura, a obra deve ter um encantamento trazido pelas palavras e pelas ilustrações: o uso de figuras de linguagem, como as metáforas, de linguagem poética, de coisas subentendidas, de ludicidade, de duplo sentido, de repetições. Ou o texto deve ser sonoro, com musicalidade, com ritmo”. (PARREIRAS, 2012, p.108).

Com base nessa ideia de Parreira compreendemos que literatura está em qualquer linguagem que se manifeste como arte, ou seja, a literatura está no manejo criativo das linguagens e, portanto, pode estar também na palavra falada, na imagem sugerida ou mostrada.

É oportuno lembrar que o texto literário também não tem muitas explicações, não são óbvios, nem seguem uma linearidade, “Se tiver tudo dito, escrito, contado no texto, é uma história, um relato sem característica literária [...]” (PARREIRAS, 2012, p. 108). Além do texto escrito, as ilustrações são fatores de fundamental importância em uma obra literária, “As ilustrações devem sugerir e não repetir o que o texto apresenta” (PARREIRAS, 2012, p. 108)

Esse trecho é bastante revelador do modo de compreender que o livro literário deve surpreender ou causar encantamento no leitor, despertando o desejo de reler ou de ouvir novamente a história ou o poema. É uma linguagem específica e difícil de ser definida com exatidão uma vez que cada época compreendeu e produziu a literatura a seu modo.

No século XVIII, “a criança era intercalada no mundo do adulto, ouvia as mesmas histórias que eles ouviam, participava da literatura na qual o adulto era inserido.”(FONSECA,

2015, p.12). No entanto, as histórias eram bem diferentes de acordo com a classe na qual a criança estava inserida. As crianças nobres geralmente ouviam os grandes clássicos enquanto que as crianças da classe popular ouviam as histórias de aventuras, os contos, as lendas folclóricas que despertavam o interesse de seus pais. (CUNHA, 1990). Diante das mudanças na estrutura familiar, onde a privacidade da família limita-se no seu núcleo mais próximo, impedindo a participação de parentes mais distantes nos planos familiares individuais, a literatura infantil iniciou sua trajetória, pois a criança agora era parte importante dessa estrutura.

Educadores Europeus, nesse contexto, começaram a criar obras literárias mostrando a união entre a Pedagogia e a Literatura Infantil. Inicialmente tratava-se de uma linha educacional que pretendia dominar a criança. Surge na Europa então, uma preocupação em criar uma literatura adequada para as crianças. Neste período, os textos criados eram mais informativos e formativos, buscando uma literatura que fosse adequada à infância e à juventude. Diante desta realidade, observaram-se duas tendências próximas das existentes: os clássicos com novas adaptações do folclore; e os contos de fadas, que eram voltados para os adultos, segundo Zilberman (1987).

Se expressando sobre essa temática CUNHA (1990) afirma que:

O que parece importante é definir pontos de contato e do afastamento entre a literatura para crianças e para adultos. Se o afastamento se der na essência do fenômeno literário, então não haverá literatura infantil, nesse caso, a própria expressão “*literatura infantil*” torna-se absurda, pois não podemos imaginar *literatura* sem arte. (Cunha, 1990, p. 26).

Alinhada com essa perspectiva está sendo este afastamento da literatura infantil da literatura adulta na essência da literalidade, então não há literatura infantil, já que esta não pode ser considerada literatura sem ter as características de um bom texto.

No Brasil, a partir dos anos 1970, começam a surgir uma mudança na paisagem educacional com base em alguns valores ideológicos:

o nacionalismo: preocupação em incentivar o patriotismo e o amor pela terra; o intelectualismo: valorização do estudo e do livro; o tradicionalismo cultural: valorização dos grandes autores e obras do passado; moralismo e religiosidade: exigência da honestidade, caráter, fraternidade dentro dos preceitos cristãos. (SANTOS e OLIVEIRA, 2012, p.2).

Dentro dessa perspectiva, os livros ditos de literatura infantil seguiam essa linha. Por volta de 1916, Monteiro Lobato já se preocupava com os livros de leitura para as crianças, ele achava a Literatura Infantil Nacional muito pobre e estudava um meio de modificar as fábulas de Esopo e La Fontaine. No entanto, antes que este trabalho fosse realizado, foi lançado sua

produção original “A menina do nariz arrebitado” (1920), fundindo o Real e o Maravilhoso e encantando as crianças.

Coelho (1985) afirma que nos anos 30 e 40, foram poucos os escritores, além de Monteiro Lobato que atingiram a desejável literariedade, diante da predominância do imediatismo das informações úteis e da formação cívica. A produção dos anos 30 mostra a divergência entre o Realismo e a Fantasia.

Segundo o RECNEI toda a criança das instituições de Educação Infantil tem direito ao acervo cultural pertencente a sua sociedade, seja ele material ou imaterial:

A instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação. (BRASIL, 1998, p. 23)

Entende-se, portanto, que a Literatura Infantil é um elemento cultural extremamente rico, e quando utilizada de forma adequada, é um instrumento de suma importância na construção do conhecimento da criança, permitindo-a despertar para o mundo da leitura não só como um ato de aprendizagem significativa, mas também como uma atividade prazerosa que possibilita a entrada em mundo imaginário.

É possível reconhecer pelo contato com as histórias e com os livros que as crianças observam e experimenta o mundo a sua volta, a escrita, possibilitando a compreensão da representação que as palavras têm do mundo real.

3.4 A Música na Educação Infantil

Encontramos mais uma vez no dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2001) que a palavra “música”, vem do grego *mousikê*, que quer dizer "arte das musas", é uma referência à mitologia grega e sua origem não é clara. Também neste mesmo dicionário encontramos a definição de música como sendo a “arte e ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido” (FERREIRA, 2001). Alguns conceituam música como sendo a arte de combinar sons e silêncio. Independente da conceituação aceita é consensual a ideia de que a música sempre esteve presente na vida do ser humano desde os tempos mais remotos. Sua presença é incontestável diante de inúmeros relatos ao longo da história, que fundamentam este pensamento. Na pré-história, as primeiras imitações sonoras do homem

foram apenas através do som e dos movimentos corporais acompanhados de sons vocais. Nos sítios arqueológicos podemos encontrar a arte rupestre em cavernas que dão uma vaga ideia desse desenvolvimento ao apresentar figuras que parecem cantar, dançar ou tocar instrumentos. Ao estudarmos povos antigos como Grécia, Israel, Roma e outros, constatamos em sua história, a presença da música em festas e rituais de todos os tipos, como casamentos, fertilidade, nascimentos, recuperação de doenças, mortes e em momentos de louvor a líderes e em procissões reais.(ARAUJO, entre 2000 e 2017).

No período da Idade Média, também conhecido como Idade das Trevas, a Igreja tinha forte influência sobre os costumes e culturas dos povos em todo continente Europeu, e por meio dessa influência o que predominou foi o canto gregoriano com melodias cantadas sem predominância de vozes, de ritmo livre, sem compasso, baseado apenas na acentuação e no fraseado; cantado sem acompanhamento de instrumentos musicais com letras em latim, tiradas, dos textos bíblicos. Houve um grande desenvolvimento da música nesse período, mesmo com o direcionamento da igreja. O período definido para a música barroca foi muito fértil contendo elementos que não tinham sido visto anteriormente na música. E foi neste período que diversos gêneros musicais foram criados. (HOFFMANN, 2010)

No século XX ocorreu uma verdadeira mudança no campo da música onde, inovações, criações, novidades, tendências e gêneros musicais apareceram. Um período intensamente impulsionado pela rádio e pelas novas tecnologias, que vieram para auxiliar o fazer musical. No início do século XX nascem transformações que se propagam até o século XXI. Enquanto que, nos períodos anteriores, a música podia ser identificada por um único e mesmo estilo, comum a todos os compositores da época, no século XX ela se mostra como uma mistura complexa de muitas e diferentes tendências. (ARAUJO, entre 2000 e 20017).

Hoje a música se faz presente em todas as mídias, sendo uma linguagem de comunicação universal, está presente em todos os meios de comunicação, no rádio, na televisão, no cinema, nos filmes, em novela, entre outros meios de fácil acesso. Nos dias atuais a indústria musical no Brasil busca novidades que agradam ao ouvido da população e da mídia em geral.

A música se faz presente em muitos momentos da vida do ser humano, está presente desde que o bebê está na barriga da mãe continuando presente na vida do ser humano até a sua velhice. A música não nos proporciona apenas um sentimento prazeroso, nos remete a lembranças e acontecimentos, nos relaxa, vai além, mostrando ser um recurso muito importante utilizado em diversas áreas como na saúde, no emocional, sentimental, psíquico, o pedagógico e o religioso.

[...] ainda no útero da mãe o bebê ouve os sons à sua volta: provocados pela movimentação do líquido amniótico, pelos batimentos cardíacos, pela voz da mãe etc. Quando nasce, o bebê passa a escutar o que está à sua volta: conversas, gemidos, brigas, cantigas de ninar. Começa assim, a se inserir na cultura, apropriando-se dos ritmos, sons e melodias nela vivenciados; sua primeira seleção musical é feita na família, e esse grupo é formador de suas preferências musicais (FARIA e DIAS, 2007, p. 80).

Atualmente existem estudos que revelam interações entre o ser humano e estímulos musicais, buscando entender o comportamento musical neurológico e as reações mentais das pessoas à música e ao som. A música é parte integrante de praticamente todos os momentos emocionais importantes na vida do ser humano, desde sua infância com as canções de ninar até uma música mais triste, contribuindo, assim, para a construção de relações de afeto com a música. Outras influências observadas estão relacionadas a estímulos, sensações que a música traz à cada indivíduo, músicas mais calmas, clássicas para acalmar o bebê, ou com funções terapêuticas para tratamento de doenças, na melhora da atenção, estimulando o desenvolvimento motor e cognitivo, nas habilidades comunicativas, na expressão emocional e na reflexão.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) que se constitui como um documento oficial que é utilizado como um guia de orientação para o planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares da Educação Infantil, direcionada às creches e pré-escolas. A música está presente na cultura e nas diversas situações como: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, artísticas, políticas e etc.

Ainda conforme as (DCNEI) as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira e garantir experiências que:

- ✓ Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;
- ✓ Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;
- ✓ Ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;
- ✓ Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura (2010, p. 25- 26).

Outro aspecto a ser destacado é o da socialização, a musicalização tende a integrar a criança, pois quando ela canta, ou se envolve com papéis de interpretação da música junto a outras crianças de seu grupo. Desse modo, a criança sente-se integrada, adquirindo a consciência de que tanto a criança, quanto todos os componentes do grupo são importantes. Cada um com sua característica única e especial, sendo singular. Segundo Brito (2003, p. 46) “a educação musical não deve visar à formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim à formação integral das crianças de hoje”.

4 METODOLOGIA E CONTEXTO DA PESQUISA

A metodologia pode ser entendida como a base do processo de pesquisa, trata do estudo dos caminhos através do qual se vai à ciência. A primeira ação de nossa metodologia foi à realização dos três estágios obrigatórios do currículo do curso de Pedagogia-PARFOR/UEPB, (Gestão, Educação Infantil e Primeiros anos iniciais da Educação Fundamental), onde se observou certo distanciamento no trabalho de sala de aula entre “literatura e música”, surgindo à necessidade de compreender a relação existente entre esses dois elementos e qual a sua importância para o processo de aprendizagem de crianças, consideradas pequenas, matriculadas nestas instituições de ensino.

Em seguida, buscou-se levantar dados sobre o tema, por ter se tratar de um levantamento bibliográfico, buscando o conhecimento teórico baseado em autores que escreveram sobre a temática em foco. A pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicados em livros, periódicos, e outros. Procura também, conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema. (MARTINS, 2001)

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. (GIL, 1999, p.65, apud, FONSECA, 2015, p. 23)

Este tipo de pesquisa tem como finalidade proporcionar ao pesquisador um contato direto com tudo que já foi escrito, dito ou filmado sobre determinado tema. (MARCONE; LAKATOS, 2007). Assim, a pesquisa se processou em quatro aspectos sobre a Educação Infantil: a concepção de infância que se transforma ao longo dos anos pelo mundo; como a

educação infantil surgiu e se fez presente no mundo e no Brasil; como a literatura e a música são compreendidas e como estão inseridas na EI.

Com base nas leituras realizadas e nas observações assistemáticas constatou-se a relação intrínseca entre a música e a literatura e a importância que elas têm para o processo de aprendizagem de crianças consideradas pequenas matriculadas na EI das escolas do campo de estágio.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Literatura e Música - uma relação íntima

O foco desse tópico é apresentar e discutir a compreensão da relação entre literatura/música, que se alimenta, educa e cuida da aprendizagem tanto do aluno quanto da aluna, no contexto social do interior da sala de aula da EI. Ou seja, observou-se ao longo da realização deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que, conforme teóricos estudados existem uma relação íntima entre literatura e música que é experimentada na EI.

Esta relação que existe entre música e literatura é sólida e antiga. Em seus estudos, a musicologia trás grandes contribuições às análises interdisciplinares sobre a fundamentação para as ligações entre as artes e os contrastes entre as respectivas linguagens. Robert Jourdain *apud* OLIVEIRA, 2003, “propõe que a possibilidade de aproximações interartes repousa numa fundamental unidade empírico-psicológica, origem do entrelaçamento, no cérebro humano, de diferentes percepções sensoriais e estéticas.” (OLIVEIRA, 2003, p. 18).

Essa aproximação pode ser ainda mais enfática no caso da literatura e da música já que ambas as artes tem o som como material básico. Segundo OLIVEIRA (2003, p. 19), “Valida-se [...] a perspectiva semiótica, que toma as artes como diferentes tipos de linguagem, interligados por equivalências estruturais – as chamadas *homologias* – confluentes no contexto social”, que aproximam as artes, pois, oferecem denominadores comuns para sua abordagem, inclusive literatura e música.

Diante desses denominadores comuns, ofertados pelas homologias, ocorrem as aproximações das artes. Neste contexto, a literatura e a música, trabalham o mesmo tipo de material, mesmo que de diferente qualidade acústica, usam os blocos sonoros em movimentos, uma linguagem verbal, gerada pelo enlace do som com a dimensão temporal.

A sonoridade percebida na linguagem poética perpassa a história. No Brasil, essa relação entre música e literatura é bem representada por Manuel Bandeira em suas poesias,

sendo o mais musical de nossos poetas do século XX, como podemos ver em “*Berimbau*”, por exemplo:

Os aguapés dos aguaçais
 Nos igapós dos Japurás
 Bolem, bolem, bolem.
 Chama o Saci: - Si si si si!
 - Ui ui ui ui ui! uiva a iara
 [...]

A mameluca é uma maluca.
 Saiu sozinha da maloca –
 [...]

Um poema cheio de musicalidade, onde a linha dos versos é puxada pela música das palavras, despertando dimensão semântica.

Coerente com o predomínio do estrado acústico sobre o semântico, o texto inteiro reverbera com a exploração de assonâncias, consonâncias e aliterações estrategicamente situadas. O chamado do saci evoca a última nota da escala de dó. A interjeição “ui!” gera a forma verbal “uiva”. O adjetivo “maluca” nasce do nome “mameluca”, que o contém, denunciando o jogo de “palavra puxa palavra”[...] (OLIVEIRA, 2003, p. 23)

Ritmo, melodia, efeitos de crescendo e diminuendo são elementos latentes na composição artística, efeitos que dependem da interpretação e inflexão dadas pelo leitor. Música verbal, música de palavras, metáfora musical, construção modelada em formas musicais, o território comum entre literatura e música se mostra infundável.

Quando falamos literatura, tratamos aqui não só da literatura escrita, considerando-se que a literatura popular é oralidade, transmitida de geração à geração, abrangendo provérbios, adivinhações, contos, cantos, etc. Na atualidade, a literatura oral, cujo conceito se expandiu, incluindo matrizes escritas, é a base da literatura popular é trabalhada para a assimilação em voz alta, pela declamação, pelo canto. A imposição da voz, a postura, expressão corporal e dramática na hora de apresentar ao público são de fundamental importância. A literatura popular é o universo cultural do povo que a faz e para quem é feita, tendo suas raízes fincadas na oralidade.

Na região Nordeste é forte a Literatura de Cordel, bastante difundida no passado e que hoje tem uma legião de fãs que trabalham para que esta arte não morra. Na poesia de cordel e em outras manifestações populares, o tipo de estrofe usado pode ser a quadra, a sextilha, a septilha e a décima. Nas cantorias, no entanto, esta é apenas parte do que é utilizado,

caracterizadas por uma variedade de modelos poéticos, com combinações de estrofe e melodia fazendo com que o violeiro possa improvisar os versos, mas sempre respeitando formas fixas, mas de diferentes maneiras na poesia e no canto, usando a criatividade.

Na educação infantil, onde as crianças vivenciam todas as experiências que lhe são possibilitadas de forma intensa e íntima, a literatura e a música devem estar sempre presentes. Presença essa que não se faz necessária para que seja de modo fragmentado, mas sim, de forma uníssona, integrada, contextualizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho, reconhecemos que o nosso objetivo foi atingido, qual seja, de compreender a relação existente entre a literatura e a música para o processo de aprendizagem de crianças, consideradas pequenas, matriculadas na Educação Infantil das escolas, no campo de estágio. Isto veio nos mostrar a importância para o pedagogo trabalhar em sala de aula nesse nível de ensino de modo prazeroso e significativo para o desenvolvimento da aprendizagem da criança.

É justamente nesse campo de aprendizagem que a ação pedagógica do professor adquire importância, porque, por meio dela se revelam os sentidos e os significados do entendimento que tem professor/alunos do processo de aprendizagem para verificar o quão relevante é compreender a relação que existem entre a literatura e a música e como estes têm importância para a descoberta do aprender ressignificado que tem o sentido das “coisas” para as crianças, principalmente das pequenas.

Por fim, verificou-se que para satisfazer este objetivo, optou-se por um universo de leituras associadas à prática de sala de aula realizada a partir de materiais já publicados neste campo de estudo e artigos científicos. Ele também pode contribuir ou auxiliar para futuras pesquisas por se tratar de uma temática, ainda, pouco difundida entre professores e professoras da educação infantil.

ABSTRACT

This work arises from the supervised internship in Child Education, which is required by the curriculum of the Pedagogy-PARFOR/MEC/CNPQ course, of the State University of Paraíba and aims to study the relationship between literature and music, as a way of understanding their importance for the process of learning of children, considered to be small, enrolled in the Early Childhood Education of the public school. As a methodological procedure, the bibliographic research was adopted, based on the collection of theoretical references, already analyzed and published by written and electronic means such as books, articles on the subject to be studied. Thus, in order to identify the relationship between the text of literature, music, learning and the use of language through speaking, listening, reading and writing facilitate the process of construction of the senses, we take as basic theoretical knowledge from the studies de Brito (2003); Coelho (1985); Cunha (1990); Faria (2007); Ferri (2008); Fonseca (2015); Marafigo (2012); Mendes (2015); Oliveira (2003); Parreiras (2012); Shueler (2008); Zilberman (1907), among other scholars of the subject. We find that music is part of the history of the human being, from the prehistoric period and how it evolved to the beginning of the centuries and is very important for the development of the child and the human being in a general and global way of learning; literature and music carry a profound intimacy in themselves, since both arts have the sound as basic material even of different acoustic quality, use the sound blocks in movements and the verbal language, generated by the connection of sound with the dimension temporal. In addition, we have verified that the literature/music relationship is essential to acquire a real and critical view of the facts that happen and interfere in the didactic-pedagogical perspective of the classroom and covers writing and the use of oral activity present in popular literature.

Keywords: Literature. Music. Child Education.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Importância da história na educação. In: **Coletânea de textos didáticos**. [S.l.: s.n.], 2013. Vol.2. p. 249.

_____. Brasil: início da colonização e catequese. In: **Coletânea de textos didáticos**. [S.l.: s.n.], 2013. Vol. 2. p. 255.

_____. O Brasil do século XVII. In: **Coletânea de textos didáticos**. [S.l.: s.n.], 2013. Vol. 2. p. 260.

_____. Brasil: a educação no Império. In: **Coletânea de textos didáticos**. [S.l.: s.n.], 2013. Vol. 2. p. 269.

ARAUJO, Lindomar da Silva. **História da música**. [S.l.: s.n.], [entre 2000 e 2017]. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/musica/historia-da-musica/>>. Acesso em 10/08/2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** - introdução. v.1 Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** – formação pessoal e social. v.2 Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** – conhecimento de mundo. v.3 Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, Teca de. **Alencar. Música na educação infantil** – propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Petrópolis, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 3.ed. São Paulo: Quíron, 1985. p. 163-220.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 10.ed. São Paulo: Ática, 1990.

FARIA, V.L.B. de; DIAS, R. T. de S. **Currículo na educação infantil: diálogo com os demais elementos da proposta Pedagógica**. São Paulo: Scipione, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 5ª ed. Ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2001.

FERRI, Márcia Barcellos. **Artes na educação infantil: crítica das orientações e diretrizes curriculares**. Dissertação (Mestrado em educação: história, política, sociedade). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

FONSECA, Fernanda Cristina de Oliveira. **A importância da literatura infantil na formação de alunos leitores**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Pará de Minas. Minas Gerais: 2015.

FULY, Viviane Moretto da Silva; VEIGA, Georgeta Suppo Prado. Educação infantil: da visão assistencialista à educacional. In: **Interfaces da Educação**. Paranaíba, v.2, n.6, p.86-94, 2012

HENICK, Angelica Cristina, FARIA, Paula Maria Ferreira. História da infância no Brasil. In: **Educere**: congresso nacional de educação, 12., 2015, Paraná. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19131_8679.pdf>. Acesso em 10/08/2017.

HOFFMANN, Mauro da Silva. O domínio ideológico da igreja durante a alta idade média ocidental. **Revista Historiador especial**, Rio Grande do Norte, n.1, ano 3, p. 105-112, 2010. Disponível em: < <http://www.historialivre.com/revistahistoriador/espum/mauro.pdf>>. Acesso em 10/10/2017.

MARAFIGO, Elisangela Carboni. **A importância da literatura infantil na formação de uma sociedade de leitores**. Santa Catarina: FAFIPA, 2012.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados (6.ed. São Paulo: Atlas, 2007)

MARTINS, G.A.; PINTO, R.L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.

MENDES, Sarah de Lima. **Tecendo a história das instituições do Brasil infantil**. Rio Grande do Norte: UFRN, 2015. Disponível em: < http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n7/numero7-artigo_1_internatos_asilos_e_instituicoes_alessandra_f_m_de_schueler.pdf>. Acesso em 10/08/2017.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. [et.al]. **Literatura e música**. São Paulo: SENAC, Instituto Itaú Cultural, 2003.

PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes; OLIVEIRA, Ana Arlinda. A literatura infantil no processo de formação do leitor. In: **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 22-36, jan-jun. 2010.

PARREIRAS, Ninfa. **Do ventre ao colo, do som à literatura**: livros para bebês e crianças. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

PEREIRA, Eva Waisros, TEIXEIRA, Zuleide Araújo. A educação básica redimensionada. In: **Coletânea de textos didáticos**. [S.l.: s.n.], 2013. Vol. 2. p. 314.

SANTOS, Polyana Fernandes Pereira dos; OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes de. A literatura infantil na educação infantil. In: **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v.5, n.2, Pub.5, Abril 2012

SAVIAN, Flavia Bianchin, CORTE, Marilene Gabriel Dalla. **A formação do pedagogo e dos saberes para a docência na educação infantil**. Rio Grande do Sul: [s.n.], [2008?].

Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/jne2008/Trabalhos/6.pdf>>. Acesso em: 10/08/2017.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. **Internatos, asilos e instituições disciplinares na história da educação brasileira**. Rio de Janeiro: PROPED/UERJ, (entre 2008 e 2017). Disponível em: http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n7/numero7-artigo_1_internatos_asilos_e_instituicoes_alessandra_f_m_de_schueler.pdf. Acesso em: 09/08/2017.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987. 118p.

A HISTÓRIA da música. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_m%C3%BAsica>. Acesso em: 10/08/2017

EDUCAÇÃO infantil. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o_infantil>, Acesso em: 04/09/2017.